



ORGANIZADORES

ANA IGNEZ BELÉM LIMA

JOSÉ DA SILVA OLIVEIRA NETO

JANAILSON MONTEIRO CLARINDO

PRÁXIS NA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL

POR UMA CLÍNICA DA TRANSFORMAÇÃO
E DO DESENVOLVIMENTO

AUTORES


ALINE GUILHERME DE MELO

ANA IGNEZ BELÉM LIMA

ARTUR BRUNO FONSECA DE OLIVEIRA

JANAILSON MONTEIRO CLARINDO

JOSÉ DA SILVA OLIVEIRA NETO



ORGANIZADORES:
Ana Ignez Belém Lima
José da Silva Oliveira Neto
Janailson Monteiro Clarindo

PRÁXIS NA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL
POR UMA CLÍNICA DA TRANSFORMAÇÃO E DO
DESENVOLVIMENTO

Autores:
Aline Guilherme de Melo
Ana Ignez Belém Lima
Artur Bruno Fonseca de Oliveira
Janailson Monteiro Clarindo
José da Silva Oliveira Neto

FORTALEZA - 2023

PREFÁCIO

Edna Maria Severino Peters Kahhale

É com alegria que escrevo este prefácio para o livro “*Práxis na clínica histórico-cultural: por uma clínica da transformação e do desenvolvimento*”, organizado pela querida Ana Ignez Belém Lima e seus colaboradores José da Silva Oliveira Neto e Janailson Monteiro Clarindo, fruto do trabalho do Núcleo de Psicologia Histórico-Cultural do Ceará e do Laboratório de Estudos da Subjetividade e da Saúde Mental da Universidade Estadual do Ceará.

O livro representa uma contribuição importante para a área da Psicologia Clínica, a qual carece de material que permita a formação de psicoterapeutas na perspectiva histórico-cultural. É importante ressaltar que não se trata de um manual de psicoterapia fundamentado na perspectiva epistemológica do materialismo histórico e dialético; pelo contrário, este trabalho fornece subsídios para a formação de uma postura crítica a partir das bases epistemológicas e metodológicas que fundamentam a linha teórica. O livro é composto por nove capítulos que abarcam a riqueza e diversidade das condições da existência humana que se apresentam na clínica.

No capítulo 1, “*A clínica de Vigotski para o sujeito contemporâneo: de que psicologia estamos falando?*”, Ana Ignez Belém Lima nos convida a *discutir quais são os fundamentos gerais da clínica histórico-cultural, no que ela se diferencia de outras abordagens e por que tal clínica é tão atual nestes tempos*. A autora desenvolve sua proposta apresentando os fundamentos epistemológicos que

sustentam a proposta de Vigotski e seus desdobramentos na prática clínica, a qual se propõe como a clínica do desenvolvimento e da transformação; apresenta fundamentos epistemológicos e analíticos, articulando a proposta de Vigotski com as de Karl Marx de forma didática; e completa a análise discutindo saúde e doença e a complexidade envolvida nas questões sintomatológicas e patológicas.

No capítulo 2, “*O papel do psicoterapeuta histórico-cultural e o lugar dos instrumentos mediadores na psicoterapia HC*”, Aline Guilherme de Melo nos convida a pensar sobre os encontros entre terapeuta x cliente e os instrumentos utilizados nessa caminhada conjunta; busca responder as seguintes questões: *Por ser a terapia é um processo fluido e dinâmico, em que cada caminhada se desenhará a partir dos participantes dela, em qual ritmo vamos? Por onde vamos passar? Quem vamos encontrar por aí? Com que frequência serão as paradas para descanso? Em quais momentos olharemos para trás, para avaliar o que avançamos? Em quais momentos planejaremos os próximos passos? O que precisaremos levar durante a caminhada? Quando saberemos que podemos seguir caminhos separados, agora com mais autonomia no enfrentamento diário?*

Ao elaborar reflexões que nos permitam responder a essas questões, Melo aponta a necessidade ético-política de assumir os pressupostos epistemológicos da HC na atuação do terapeuta; assumi o método desenvolvido por Vigotski: método genético experimental, que envolve três aspectos fundamentais: análise do processo, e não do objeto; análise explicativa, e não descritiva; e análise histórica da origem e do desenvolvimento de um processo; e explicita ainda que um dos critérios para a atuação é a Zona de Desenvolvimento Iminente ou Proximal (ZDP).

No capítulo 3, “*A configuração do percurso terapêutico na abordagem histórico-cultural: uma proposta*”, José da Silva Oliveira Neto discute uma proposta de configuração do processo terapêutico na Psicologia Histórico-Cultural (PHC), que *não pretende encapsular a prática clínica*. O autor propõe alguns períodos para psicoterapia histórico-cultural: 1) o acolhimento-intervenção da síndrome sintomática; 2) a conscientização; 3) o diagnóstico diferencial; 4) a mediação na zona de desenvolvimento proximal; e 5) a alta psicológica; sendo esses processos dinâmicos e dialéticos exemplificados com casos clínicos.

No capítulo 4, “*Anamnese e alta na psicoterapia histórico-cultural: iniciando e concluindo o processo*”, Artur Bruno Fonseca de Oliveira discute anamnese e alta a partir do viés da Psicologia Histórico-Cultural; e problematiza o individualismo, a ideologia curativa, a ideia de diagnóstico que se encerra numa psicopatologia, além de outras práticas medicalizantes.

No capítulo 5, “*Estratégias de mediação na clínica histórico-cultural*”, Janailson Monteiro Clarindo nos alerta que, ao se falar de instrumentos de mediação na clínica de base histórico-cultural, não devemos seguir um entendimento mecanicista e utilitarista do trabalho do psicólogo, pois o próprio termo “instrumento mediador” carrega consigo muito mais do que o valor de apenas uma técnica. Busca-se, também nesse capítulo, compreender a prática clínica histórico-cultural para além de possíveis técnicas que possam ser usadas no contexto psicoterápico, mas enfoca a compreensão do que significa utilizar instrumentos mediadores.

No capítulo 6, “*A intervenção com crianças: quando falar não é suficiente*”, Aline Guilherme de Melo, tomando como referência Vigotski (2018), aponta que *a infância é marcada por um*

intenso processo de desenvolvimento, em que muitas funções psicológicas superiores estão se complexificando, e que a idade do desenvolvimento pode ser diferente da cronológica, de modo que a identificação das crises depende muito mais do entendimento do contexto de cada criança do que da identificação de quantos anos ela tem. Melo descreve as crises do desenvolvimento propostas por Vigotski de maneira clara e compreensiva, apontando como essas crises se concretizam, na prática, com crianças e seus familiares.

No capítulo 7, “A clínica psicoterápica histórico-cultural com adolescentes: da crise ao aprofundamento de consciência”, Janailson Monteiro Clarindo propõe uma visão crítica das propostas de Vigotski sobre as crises do desenvolvimento e suas implicações na prática clínica com jovens.

No capítulo 8, “O manejo na psicoterapia com adultos e idosos a partir da perspectiva histórico-cultural”, Artur Bruno Fonseca de Oliveira aponta que *o manejo na psicoterapia com adultos e idosos se pauta nos estudos da Vigotski sobre desenvolvimento, mais particularmente nas ideias acerca das crises do desenvolvimento.* No entanto, não há nos escritos de Vigotski as crises que marcam a passagem à adultez nem a passagem à velhice; Oliveira constrói uma reflexão crítica e substantiva propondo o que caracteriza a crise dessas etapas.

Finalmente, no capítulo 9, “A mediação terapêutica para além da pessoa: terapia de grupo e com casais na clínica histórico-cultural”, José da Silva Oliveira Neto constrói um debate *sobre a psicoterapia de grupo e a psicoterapia de casal. Ambas são modalidades de intervenção clínica pouco debatidas na Psicologia Histórico-Cultural.* O autor inicia retomando e aprofundando *a importância do coletivo na teoria de L. S. Vigotski. Depois, debate*

a psicoterapia de grupo e a psicoterapia de casal com estudos de caso que nos auxiliam no entendimento teórico-prático da problemática. Oliveira Neto tece reflexões e análises críticas e aprofundadas sobre o tema.

Convido à leitura de textos tão ricos e apaixonantes, que inspirem a prática clínica. A leitura pode ser na ordem mais conveniente e/ou de interesse do leitor.